

A colonização de Angola e o seu fracasso

BIBLIOTECA
DE AUTORES
PORTUGUESES

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/INCM.Livros
editorial.apoiocliente@incm.pt

© Orlando Ribeiro
© Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Tiragem: 1000 exemplares
2.^a edição: Julho de 2014
Preparação e apresentação da segunda edição: Suzanne Daveau
ISBN: 978-972-27-2044-1
Depósito legal: 376 158/14
Edição n.º 1018703



A colonização de Angola e o seu fracasso

Orlando Ribeiro

2.ª EDIÇÃO REVISTA

SOLIDÃO AFRICANA

O mato é denso e hostil,
cinzento na luz crua
que recorta a monotonia dos seus ramos.
Ergue-se distante o fumo da queimada
— a estrada é nua, deserta e desolada.
Apenas a rubra flor da Erythrina
põe nesta uniformidade uma nota de ternura
discreta na imensidão onde se abre.

*À Suzana, em lembrança
dos nossos primeiros tempos de vida
e de trabalho em comum
e pelo muito que este livro lhe deve.*

Apresentação da segunda edição

O livro de Orlando Ribeiro, de que se apresenta agora a segunda edição cuidadosamente revista, foi publicado com data de Dezembro de 1981 pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda mas tinha sido pensado e escrito no fim dos anos 70, conforme indicam o *Prefácio* e a *Nota Final*. Último livro do autor, foi composto, segundo ele afirmou então, «em condições particularmente difíceis de minha vida, com crises de saúde frequentes e prolongadas», com «muitas páginas [...] escritas à sobreposse, lutando contra a fadiga intelectual e física». De tal modo que «a obra foi-se fazendo aos poucos e aos pedaços» e que tive de o ajudar a eliminar algumas «repetições, redundâncias ou até um ou outro excursus dispensável».

Recordando esta minha ajuda, ele quis registar o seu agradecimento, dedicando-me o volume, «em lembrança dos nossos primeiros tempos de vida e de trabalho em comum e pelo muito que este livro lhe deve». Com efeito, se o nosso primeiro encontro ocorreu numa latitude elevada, ao percorrermos a Suécia, no Verão de 1960, durante a excursão do Congresso *Norden* da União Geográfica Internacional, seria em Agosto de 1961 que, pela primeira vez, praticaríamos juntos a investigação de campo, em Angola e em Moçambique. Ambos tínhamos já uma variada e sólida experiência da Geografia africana, que serviria de base ao nosso livro de síntese sobre *La Zone Intertropicale Humide*, publicado em Paris pela Armand Colin, em 1973. Em 1969, voltaríamos a percorrer juntos Angola, no quadro da grande excursão universitária organizada pelo nosso colega e amigo Ilídio do Amaral.

Se esta obra de Orlando Ribeiro leva, bem como algumas outras, a marca da íntima colaboração que estabelecemos há meio século, não me parece — ao voltar a considerá-la, trinta anos depois da sua

publicação — que isto tire o que seja à profunda originalidade do pensamento orlandeano. Por um lado, a minha ajuda foi sobretudo de tipo formal; por outro lado, as ideias que sugeri, as críticas que propus, baseadas na minha própria experiência, foram por ele imediatamente assimiladas, com esta espantosa capacidade que manifestou sempre, de recolher — em conversas, leituras ou observações de campo —, quaisquer sugestões e ensinamentos, e de transformá-los logo em pensamento original e fecundo.

Este livro, produto da idade madura, não tem, como ele sentiu e reconheceu, a sóbria elegância das obras de juventude, mas conserva toda a riqueza de uma elaboração sólida e abrangente, baseada na sua rica experiência profissional, acumulada sem interrupção nem contradição desde os seus anos de juventude. Mas não se trata de uma obra de circunstância, ao contrário do que se podia pensar, tendo em conta que o livro foi escrito durante a dura e longa guerra civil que assolou Angola depois da proclamação da sua independência. Com efeito, as reflexões que Orlando Ribeiro tinha entendido útil comunicar rapidamente «ao grande público português» sobre os *Destinos do Ultramar*, foram por ele difundidas de Setembro a Outubro de 1974 em oito artigos no *Diário de Notícias* e retomadas em volume pelos *Livros Horizonte* em Janeiro de 1975. Na realidade, se a elaboração do presente livro resulta, em parte, da emocional vivência das terríveis consequências do brutal colapso da política ultramarina do Estado Português, Orlando Ribeiro quis essencialmente transmitir uma demorada «reflexão sobre um dos mais graves factos e momentos da vida nacional», felicitando-se, em Junho de 1980, que o atraso da difusão tenha feito que o livro «escapa ao sensacionalismo de mais rápida publicação».

As raízes do livro são, na verdade, antigas. Ele não constitui senão uma parte, aliás substancial, de uma obra que o autor tinha concebido desde o começo da sua longa e sólida carreira científica. Num *Curriculum* elaborado em 1940, na altura em que procurava um lugar na Universidade portuguesa, após o regresso forçado de Paris, ele apresentou unicamente trabalhos sobre Portugal dito «continental». Mas, pouco tempo depois, em 31 de Maio de 1941, quando a Coimbra Editora lhe solicitou a preparação de um livro, o primeiro título que lhe ocorreu foi *Portugal, Produtor de Homens*, ou seja, uma noção abrangente que incluía evidentemente o estudo da vasta diáspora lusófona, de que tinha tido uma primeira visão em 1935, graças ao *Cruzeiro de Férias* organizado pela Agência Geral das Colónias.

Até 1949, a Segunda Guerra Mundial e o Congresso Internacional de Geografia, organizado por ele em Lisboa, obrigaram-no a concentrar as investigações no território metropolitano. Mas, logo a seguir, o Ultramar torna-se o palco cada vez mais frequente da sua actividade. Desde Dezembro de 1949, submete à Junta de Investigações Coloniais uma reflexão aprofundada sobre os «problemas da investigação científica colonial». Em Julho de 1954, é uma substancial apresentação geral dos *Aspectos e Problemas da Expansão Portuguesa*, que serve de tema à lição inaugural do Curso de Férias da Faculdade de Letras de Lisboa. Em Maio de 1956, Orlando Ribeiro profere em Lisboa uma conferência intitulada *Originalidade da Expansão Portuguesa*. Em 1958, por ocasião da Exposição Universal de Bruxelas, redige um copioso ensaio, intitulado *Um Povo na Terra* e retoma o assunto nas lições proferidas, em 1960, em Lourenço Marques e Luanda.

De notar também que o livro sobre o *Mediterrâneo*, saído em 1968 com o subtítulo de *Ambiente e Tradição*, tinha sido anunciado a partir de 1960 com um subtítulo diferente, *Raízes do Mundo Português*, que sugeria um âmbito maior, incluindo os países tocados pela expansão ultramarina. De facto, desde o começo da sua carreira universitária em Portugal, este tema preocupou constantemente o geógrafo, por lhe parecer que o pequeno «cais do Velho Mundo» localizado num litoral atlântico de clima mediterrâneo, não se podia entender sem tomar em conta a difusão planetária dos seus habitantes e do seu modo de vida. Aliás, tanto no presente livro como nas suas *Memórias* progressivamente difundidas em 1970, 1981 e 2003, ele lembrou quanto o Ultramar, e principalmente Angola, estava intimamente ligado à vida portuguesa, inclusive nos estratos familiares mais populares. Foi assim que dedicou, em 1975, o volume *Destinos do Ultramar* «à memória dos meus tios Jorge Carvela e João Ribeiro, desaparecidos nos sertões de Angola, e José da Cunha, que foi escrivão de fazenda em Benguela».

As condições práticas das suas investigações no Ultramar foram, em conjunto, muito favoráveis. O Governo Português estava, na altura, consciente da necessidade de desenvolver economicamente os vastos territórios ultramarinos e, para isso, de conseguir deles um conhecimento científico suficiente. Quando a *Junta das Missões Geográficas e de Investigação Colonial*, criada em 1936 para substituir a antiga *Comissão de Cartografia*, foi remodelada em 1945, foi oficialmente apresentada «como um organismo técnico e administrativo aberto [...] com competência para orientar estudos relativos ao conhecimento puro do homem e da natureza». Orlando Ribeiro, recrutado como vogal da Junta desde 1946, dirá que encontrou da parte dos

seus dirigentes óptimas condições de trabalho, escrevendo, em 1969: «Quanto ao trabalho de campo, nos estudos subsidiados pela Junta de Investigações do Ultramar, manda a justiça que se diga que são grandes as facilidades e generosa a retribuição» e, em 1974: «A Junta [...] tem feito trabalho desigual mas onde há muita coisa relevante. [...] Nem todos os organismos que dependem dela escaparam à farfalhice erudita e patriótica mas [...] apareceram trabalhos fundamentais para o conhecimento histórico, geográfico e etnológico do Ultramar.»

Sabendo aproveitar todas as «oportunidades» que iam surgindo — um convite para dar lições no Cruzeiro de Férias atlântico em 1935, a necessária participação portuguesa de bom nível científico na Conferência Internacional prevista em Bissau em 1947, a preparação de uma excursão à Madeira para o Congresso Internacional de Geografia em 1949, a erupção vulcânica na ilha do Fogo em 1951, a viagem inaugural do paquete Vera Cruz para o Rio de Janeiro em 1952, a situação diplomaticamente difícil de Goa em 1955 e, ainda, a erupção do vulcão dos Capelinhos na ilha do Faial em 1957 —, Orlando Ribeiro foi alargando e melhorando metodicamente a sua experiência directa das diversas terras lusófonas de além-mar.

O seu papel na Junta foi-se progressivamente alargando e consolidando. Depois da missão na Guiné em 1947, simples anexo da Missão de Geologia chefiada por Carrington da Costa, conseguiu duas missões em Cabo Verde, em 1951 e 1952-1953, uma na Índia em 1955-1956, uma de Geografia física no sul de Angola em 1959, chefiada por Mariano Feio, e, sobretudo, a criação em 1958, do *Agrupamento Científico de Preparação de Geógrafos para o Ultramar* e da *Missão de Geografia física e humana do Ultramar* a partir de 1960, com sede no Centro de Estudos Geográficos de Lisboa. Estas estruturas administrativas permitiram-lhe associar aos seus estudos ultramarinos vários discípulos e colegas, tanto de Lisboa como de Coimbra e, até, convidar um afamado colega estrangeiro, Pierre Gourou, que visitou com ele Angola em 1962 e Moçambique em 1963. A origem africana de dois dos seus melhores discípulos, Francisco Tenreiro e Ilídio do Amaral, o casamento com uma geógrafa também apaixonada pela África, foram ainda factores favoráveis ao desenvolvimento dos estudos geográficos neste continente, tanto mais que o Governo Português tomava então tardiamente consciência da necessidade de criar organismos de ensino e investigação de nível universitário, em Angola e Moçambique.

Orlando Ribeiro afirmou ter sempre tido uma total liberdade para conduzir as suas investigações ultramarinas conforme entendia. Os entraves à expressão oral ou escrita do seu pensamento, se

existiram algumas vezes, não foram tão fortes que não conseguisse vencê-los, como exemplifica o demorado processo de publicação de *A Ilha do Fogo e as suas Erupções* (livro datado de 1954, mas apenas distribuído em 1957), onde ele apresentou e comentou duramente as crises de fome em Cabo Verde. Em 1981, discursando no dia do seu Jubileu, ele afirmou: «Como homem independente e livre sinto-me obrigado a afirmar que durante quarenta anos de obscurantismo, gozei de uma liberdade de expressão que num país comunista me teria certamente sido negada. Continuo a pensar que a maior restrição à liberdade de cada um consiste na falta de coragem de exprimi-la quando entende. [...] Mas se fui um homem livre, também nunca tive audiência.»

A primeira edição do presente livro foi preparada ao longo dos anos 1978-1980, com muita paciência e boa vontade da parte da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, que teve de esperar meses pelos últimos acabamentos de um autor sofrendo de repetidas fases depressivas, que interrompiam o seu trabalho. Saído em 1982, o livro teve então muito pouca difusão, numa altura em que a «inteligência» portuguesa andava preocupada com problemas bem diferentes. Naquele período de 1974 a 1985, que José Medeiros Ferreira apelidará de «Portugal em Transe»¹, altura em que meio milhão dos chamados «retornados» eram recolhidos e progressivamente integrados nalgumas regiões do País, Portugal quis esquecer o horrendo fracasso da colonização/descolonização de Angola, este território que tinha sido o elemento mais prometededor do seu terceiro Império colonial, bem como a guerra cruel que tinha despoletado entre facções rivais, apoiadas por potências estrangeiras. Todo o interesse e todas as paixões políticas estavam virados, em Portugal, para a dura luta institucional interna, que ia prolongar-se até à entrada de Portugal na Comunidade Europeia, em 1986.

Poucos exemplares do livro terão sido difundidos naquela altura. É curioso verificar, por exemplo, que não está citado nas duas grandes obras de divulgação de alto nível, publicadas em 1992-1993 e em 1998-1999 e consagradas respectivamente à *História de Portugal* e à *História da Expansão Portuguesa*², para não falar de diversas obras

¹ J. Medeiros Ferreira, «Portugal em Transe (1974-1985)», vol. 8 da *História de Portugal* (Direcção de José Mattoso), Círculo de Leitores, Lisboa, 1993, pp. 7-288.

² *História de Portugal* (Direcção de José Mattoso), 8 volumes, Círculo de Leitores, Lisboa, e *História da Expansão Portuguesa* (Direcção de Francisco Bethencourt e Kirti Chauduri), 6 volumes, Círculo de Leitores, Lisboa.

mais recentes, devidas a especialistas de Angola bem informados. Mas quem não deixou passar em branco este livro original foi o historiador René Pélissier, incansável pesquisador da História africana e, sobretudo, portuguesa, com o raro mérito de transmitir a todos os investigadores interessados as suas inúmeras descobertas bibliográficas. A notícia que publicou em 1983 sobre o livro de Orlando Ribeiro³ merece ser citada na íntegra, pela arguta análise da obra e pela previsão com que acaba:

[...] nous abordons maintenant la période de la décolonisation en commençant par un livre un peu déroutant pour qui connaît l'auteur, le plus grand géographe portugais. *A Colonização de Angola e o seu Fracasso*, d'Orlando Ribeiro, est plus une réflexion libre d'un homme engagé — engagé contre les dictatures de droite et de gauche — qu'un traité scientifique. Venant d'un homme d'une grande rigueur, ce texte relâché et divaguant entre des considérations historiques et une analyse géographique, persillée d'allusions politiques, surprend. Puis on s'y fait en se disant qu'il faut savoir beaucoup pour ne plus avoir à se soucier de paraître en savoir davantage. Et puis les anecdotes personnelles donnent un entrain du diable à la lecture d'un livre non conformiste comme on en voit peu chez les savants. Ce livre est important parce qu'il montre *in vivo* combien l'Angola était présent dans la mentalité et le sang d'une partie de la mince élite portugaise, quels que soient sa couleur politique, ses limites e ses préjugés! Ribeiro n'y va pas «avec le dos de la cuillère» pour fustiger les gouvernements qui «abdiquèrent» après 1974. En faisant passer pour de la négociation ce qui, aux yeux des historiens, restera avant tout un bradage d'«après moi le déluge», une centaine d'hommes politiques et de militaires n'ont pas fini de rendre des comptes aux historiens, quand ceux-ci seront en mesure de les fixer dans leur collimateur. Bref, le géographe est un sombre Cassandre et son livre ne plaira pas à tous ses anciens admirateurs. Quant à l'Angola, il est probable que lui et sa confrérie d'observateurs durs et réalistes y sont *personæ non gratae*. La perte est pour l'Angola, non pour eux. Ce livre est trop riche pour être résumé dans une simple chronique, mais la lecture

³ A recensão foi publicada na revista *Le Mois en Afrique*, 207-208, avril-mai 1983, pp. 146-147, e retomada em *Du Sahara à Timor. 700 livres analysés (1980-1990) sur l'Afrique et l'Insulinde ex-ibériques*, Editions Pélissier, Montamets, 1994, pp. 79-80.

de ce testament désabusé fait irrésistiblement penser aux textes des grands auteurs portugais de la fin du XIXe siècle. Le drame c'est qu'ils ne sont reconnus comme tels qu'à titre posthume. À signaler, en vue d'une réédition éventuelle, que quelques statistiques pétrolières angolaises sont à revoir (p. 359).

Oxalá que, tal como René Pélissier sonhou em 1983, esta segunda edição — evidentemente póstuma —, consiga interessar o actual público português. Corrigir as estatísticas não me pareceu de grande importância, porque o seu significado muda com espantosa rapidez e não corresponde à temporalidade ampla do presente livro. Achei mais útil expurgar o texto dos pequenos defeitos que tinham escapado aquando da primeira impressão e oferecer assim ao público a obra tal como ela foi elaborada pelo autor, com tanto sofrimento e persistência. Voltando a publicar-se trinta anos mais tarde, as eruditas e apaixonadas reflexões comparativas de Orlando Ribeiro sobre o destino diverso que a plurissecular expansão ultramarina portuguesa tinha alcançado nos anos 70 do século xx, dos dois lados do Atlântico, têm de se ler agora no quadro de um Mundo já profundamente transformado. O Brasil é hoje considerado uma das grandes «potências emergentes» e começa a reduzir os contrastes gritantes que separavam aí ricos e pobres. Se Luanda está em pleno arranque económico, numa enorme confusão, a grande cidade fica ainda à margem de territórios imensos que não controla.

Espera-se que a reedição de mais este livro de Orlando Ribeiro tenha permitido aos seus herdeiros espirituais abrir-lhe uma larga audiência perto das novas gerações e de todos os que sabem que o conhecimento do passado é ferramenta indispensável para conceber e tentar construir acertadamente o futuro.

Vale de Lobos, Fevereiro de 2012
Suzanne Daveau

Ao retomar-se agora a edição que tinha sido projectada há 3 anos, é-me grato acrescentar que se publicaram entretanto vários livros que a completam utilmente. Começou-se, em 2010, a edição, pelo Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, da série dos *Cadernos de Campo Africanos* de Orlando Ribeiro, tendo já saído os volumes

referentes à *Guiné* e a *Moçambique*⁴ e estando em preparação adiantada o de *Angola*. Em Novembro de 2013, imprimiu-se o livro *Universidade, Ciência, Cidadania*⁵, que recolhe os numerosos escritos «não geográficos» de Orlando Ribeiro e que trata, entre outros assuntos, das suas relações com a Junta de Investigações do Ultramar.

Abril de 2014

S. D.

⁴ Orlando Ribeiro, *Guiné 1947* (Ph. Havik, S. Daveau, org.), Húmus, Porto, 2010; *Moçambique 1960-1963*, (J. Sarmento, E. Brito-Henriques, org.), Húmus, Porto, 2013.

⁵ Orlando Ribeiro, *Universidade, Ciência, Cidadania* (S. Daveau, org. e apr.), Fundação Calouste Gulbenkian, Série de Cultura Portuguesa, Lisboa, 2013.

Prefácio

Angola ficou profundamente ligada à vida nacional. Se a Índia alimentou principalmente a saudade do período heróico da expansão, Angola constituiu uma alternativa para a independência do Brasil, já pelas esperanças postas nela como lugar de recepção da emigração portuguesa (alguns refugiados «reinóis» aí tentaram fortuna), já pelas riquezas potenciais que o fomento bem conduzido ia permitindo valorizar. Uns viam nela «a nossa mais importante e mais rica província africana» (Andrade Corvo, 1883), o «coração do Império» (A. C. Valdez Thomaz dos Santos, 1945), promessa de um mundo aberto à expansão do nosso povo, lugar possível de um harmonioso convívio de raças, «fazendo reinar a paz étnica onde flutua a sua [nossa] bandeira» (A. Siegfried). Angola teria assim um destino português naquela «unidade de sentimento e de cultura» (Gilberto Freyre) com que a nossa expansão cinturou metade do mundo, aqui pelo domínio político ou pela exploração desenfreada, ali pela difusão de altos valores do espírito, em toda a parte pela mestiçagem, na «amorosa junção de duas raças» (Francisco Tenreiro), quando não por maior variedade de genitores, que dá aos tipos humanos diversa aparência física mas uma estranha semelhança moral. Uns imaginavam uma grande comunidade lusíada a que caberia, pelo enorme peso demográfico e potencial económico, a «liderança» ao Brasil (Aroldo de Azevedo); outros aferravam-se ao prestígio histórico da «pequena casa lusitana», que domina o primeiro império colonial dos tempos modernos e podia bem arcar com os seus destroços, vendo com maus olhos tudo o que promovesse a autonomia e acelerasse a secessão; outros ainda anteviam em Angola um novo Brasil (Cardeal Cerejeira), tingido de mestiçagem mas fiel à sua formação portuguesa.

No entanto, os acontecimentos dos últimos anos levam outro caminho. A sorridente incompetência de um governador e o cinismo de pretensos acordos fizeram com que Portugal se retirasse deixando Angola mergulhada na guerra civil e aberta às rivalidades do neocolonialismo. Os «retornados», impropriamente chamados assim porque a maioria talvez seja de brancos nascidos em África, alguns de famílias aí estabelecidas há duas ou três gerações, e outros são pretos e mestiços, constituíram a mísera debandada dos que se sentiam ameaçados na vida, mesmo depois de perderem os bens. E neste cerca de meio milhão de desgraçados se extinguiu a esperança de um século numa Angola multirracial. Resta saber se as tensões, já manifestadas, entre a *élite* mestiça e a maioria preta não se virão a agravar com o tempo; assim como persistirão provavelmente os conflitos entre três partidos, em luta desde a independência e apoiados em fortes e bem individualizadas maiorias étnicas.

A colonização portuguesa de Angola saldou-se por um fracasso que é necessário não iludir para o tentar compreender e explicar. A comparação com o Brasil forneceu-me — creio não me enganar — a mais forte linha interpretativa: outra conjuntura, sobretudo outra dimensão histórica, em certos aspectos reduzida a alguns decénios em Angola, a despeito de os portugueses a terem abordado antes da América. Esta a razão por que o leitor de um livro sobre Angola encontra muitos exemplos americanos que, de caso pensado, nele introduzi.

A comparação entre traços físicos e humanos da África e da América e entre a colonização portuguesa de Angola e do Brasil tomou grande desenvolvimento, que justifico por nunca ter sido delineada dentro da maneira sistemática que intentei aprofundar e onde creio ter introduzido algumas ideias originais.

Quem há quarenta e três anos fez em Angola a primeira grande viagem abrindo os olhos deslumbrados à variedade da natureza tropical, quem por mais de dez foi acompanhando localmente as incertezas do seu destino, não pode ter escrito este livro não digo sem emoção, mas sem amargura. O patriotismo (não o nacionalismo, de que Deus nos defenda, pois dele ficámos fartos!) pode irromper aqui ou além na serena condução do raciocínio científico:

Vereis amor da pátria, não movido
De prémio vil, mas alto e quase eterno;
Que não é prémio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.

(*Os Lusíadas*, I, 10.)

Para além da clara visão da terra, do tempo e do homem, há um mundo de incerteza, que não é lícito ocultar sob a aparência de nada deixar na sombra, e de emoção que toca com sentimentos profundos e nem sempre racionais. Se a nostalgia dos vastos horizontes africanos alguma vez transparecer nestas páginas, peço desculpa de nem sempre saber ocultá-la. No muito que li Humboldt e Reclus quando há cinquenta anos me iniciava na Geografia ficou-me (à parte o talento) o gosto de um toque romântico — aquele sentimento da natureza que então irrompeu para sempre de profundidades insondáveis do espírito.

Muito de propósito falei só o indispensável no 25 de Abril e na transformação política e ideológica que suscitou. O que não creio é que se tenha modificado a mentalidade, pouco objectiva, pouco crítica e realista, da «inteligência» portuguesa: e isto é que é indispensável promover por um ensino que não temos, pois nunca entre nós foi tão improvisado, caótico e cheio de contradições. Também não fiz nenhuma tentativa para visitar Angola independente, porque ela pôs fim à colonização de que intentei explicar o fracasso e porque não encontraria as condições de liberdade e segurança das minhas anteriores viagens.

As longas transcrições constituem esclarecimento vantajoso e procuram dar ideia da variedade e movimentos de opinião indispensáveis à compreensão do texto. O leitor verá assim reunidas coisas dispersas e que nem sempre lhe seria fácil encontrar.

Desejo ainda explicar-me sobre alguns pontos de terminologia. Para o propósito deste livro, Angola foi território português, *província* ou *colónia*, segundo os termos em voga em certas épocas. Os seus naturais são *indígenas* pela origem e *pretos* pela cor (negro disse-se muito menos), sem que isso tenha, para além do mero e exacto sentido descritivo, qualquer intenção depreciativa. *Africanos* é que não, pois os há também brancos, indianos, chineses, na África ao sul do Equador. Não é possível esquecer que os «africanos brancos» formavam em Angola talvez uma centena de milhar. *Portugueses* tanto eram os brancos oriundos da Metrópole como os nascidos em Angola e até a *élite* mestiça (com alguns pretos) enquanto se não levantou contra nós.

Quanto aos nomes de lugar utilizei de preferência os correntes em 1935, data da minha primeira viagem a Angola: dizia-se mais Huambo e Lubango do que Nova Lisboa e Sá da Bandeira, N´Dalatando e Uíge ainda não tinham recebido nomes a que era fácil prever a caducidade: Salazar e Carmona. Conservei os nomes dos heróis da penetração e da ocupação militar (provavelmente mudados) porque não lhes sei os novos. A autora de um compêndio elementar de Geografia, angolana

branca e nossa antiga aluna, conhece bem Luanda, onde nasceu, e as áreas próximas, mas não pôde visitar a maior parte do seu país, onde reina a insegurança e só de avião se comunica entre as cidades principais. O livro saiu anónimo, segundo o figurino soviético; embora se diga que foi utilizado material do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa, onde a autora, durante alguns anos, fez excelente trabalho, não nos pôde deixar um exemplar pois lhe deram apenas o que nos mostrou... Tristes sinais de «liberdade» intelectual!

Vale de Lobos, Outubro de 1977-Junho de 1978.

Orlando Ribeiro